

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PSICOLÓGICO NA OBRA *HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E SEU IRMÃO PRECITO* (1682) DE ALEXANDRE DE GUSMÃO S.J.

PAULO JOSÉ CARVALHO DA SILVA e MARINA MASSIMI

RESUMO - A peregrinação constituiu-se na mais importante característica da devoção popular cristã da Europa medieval. E também numa maneira de conceber a vida humana que merece maiores estudos do ponto de vista da história das idéias psicológicas. No Barroco brasileiro encontramos esta antiga tradição revisitada na obra de Alexandre de Gusmão; pedagogo, administrador e asceta jesuíta. Sua *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682) narra uma peregrinação religiosa como uma alegoria da experiência humana. De maneira peculiar, o autor sintetiza a Ética aristotélica na perspectiva da segunda escolástica. Gusmão prescreve os comportamentos necessários, isto é, os meios que devem ser tomados na jornada por este mundo afim de que se atinja a verdade que conduziria o homem de volta à morada paterna. Assim, ele fornece aos historiadores da ciência uma chave para entender o pensamento jesuítico do século XVII acerca do homem e suas relações sociais, com a natureza e com o divino.

ABSTRACT - The most important characteristic of popular Christian devotion in European medieval times was pilgrimage. It is a way of thinking human life that deserves to be studied specially by the Historians of the Psychological Ideas. On the Brazilian culture of the seventeenth century we can see this old tradition reformulated by an eminent Jesuit named Alexandre de Gusmão. His *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682) is full of references on the religious tradition of the pilgrimage as an allegory of the human experience. In a special way, the author articulates, in his story of a pilgrimage, Aristotle's Ethics viewed on the perspective of the new scholastic ideas. Gusmão shows how to behave during the journey in this world and the way to look for the truth that brings man back to God's home. So he gives to Historians of the Science a key to understand the Jesuit's way of thinking man and his relationship with fellows, nature and divinity on the seventeenth century.

A partida

Retomando tradições vivas tanto do judaísmo quanto do mundo pagão antigo, os cristãos começaram a peregrinar em número cada vez maior aos santuários dos quais se esperavam iluminações espirituais e graças corporais. A peregrinação tornou-se, entre os séculos IV e XV, a principal característica da devoção popular cristã (Cardini, 1993).

Revista da SBHC, n. 17, p. 71-80, 1997

Assim, profundamente relacionado com a história sagrada, o mundo cristão medieval acalentou a convicção de representar a Nova Israel. Se a palavra “hebreu” significa precisamente “viajante”, “caminhante” e se é certo que a Páscoa é a comemoração da Passagem do Anjo do Senhor e do começo do êxodo de Israel como regresso à Terra Prometida; sendo tudo isto certo, o cristão medieval se manteve profundamente tomado por sua consciência de *peregrinus*, de desterrado sobre esta terra (Cardini, 1989).

No entanto, seria esta consciência exclusiva do pensamento do medievo? Que desdobramentos terá tido esta tradição na cultura dos séculos posteriores à Idade Média? Mais especificamente, esta concepção de homem teria chegado à cultura luso-brasileira e como?

O pensamento medieval, ou ainda toda a ciência desenvolvida durante este longo período, constitui-se no substrato para a consolidação seja da ciência moderna (Debus, 1996), seja da maneira moderna de pensar e organizar a sociedade (Morse, 1988).

Nossa proposta é mostrar, dentro da perspectiva da História das Idéias Psicológicas, como esta tradição tem seus reflexos na cultura barroca brasileira. Com isto em mente, nos propomos a investigar o significado da imagem da vida humana como *peregrinação* na obra *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, escrita em 1682 por Alexandre de Gusmão: pedagogo, asceta e administrador da Companhia de Jesus¹.

A *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* é sua obra principal e enquadra-se na categoria de novela: novela alegórica, porquanto a ação se estrutura em células dramáticas subseqüentes e utiliza alegorias em vez de personagens reais (Moisés, 1983).

Aliás, trata-se da primeira novela escrita no Brasil, de alto nível estilístico, que consiste numa parábola: dois irmãos; Predestinado e Precito, abandonam o Egito em peregrinação, porém cada qual seguindo seus desejos e intenções: Predestinado dirige-se a Jerusalém, passando por Belém, Nazaré, Betânia, Cafarnaum e Bethel; e Precito peregrina à Babilônia das grandezas, percorrendo Bethavém, Samaria, Bethóron, Éden e Babel.

A nossa discussão, por sua vez, centra-se no que esta obra pode contribuir para o conhecimento das conceituações acerca da dinâmica própria da experiência humana, no período histórico em que foram elaboradas.

Quanto a abordagem metodológica do trabalho, voltando-se para o conhecimento abrangente e rigoroso do documento e da realidade que este manifesta, a pesquisa estruturou-se em dois níveis: na reconstituição histórica do conceito de peregrinação proposto na obra - através da leitura e análise de seu conteúdo -, e na busca da compreensão do significado que a este conceito é dado pelo universo cultural da época em que foi formulado pelo autor.

A peregrinação

Em quanto nessa vida militamos, somos todos desterrados, ou como peregrinos, porque auzentes de nossa patria, q he o Ceo, ou como desterrados della pello peccado de Adão, (...) O que nos importa, he caminhar para nossa patria, sabe[r] os caminhos, & procurar a entrada, para o que nos servirá de guia o exemplo da história, ou parabola seguinte (Gusmão, 1682, p.1).

Logo nas primeiras páginas, Alexandre de Gusmão descreve a condição humana como de peregrino, desterrado do reino do Céu, o que permeia toda sua novela.

¹ É notório o papel fundamental da Companhia de Jesus na formação cultural do Brasil colônia, o que faz de seu pensamento uma fonte proffcua para estudos em história das idéias psicológicas na cultura luso-brasileira (Massimi, 1990).

Para a compreensão das matrizes desta concepção, fez-se necessário um estudo sobre esta temática, suas significações e seu lugar na História da Cultura Ocidental, bem como da tradição histórica da peregrinação propriamente dita no mundo medieval e renascentista.

Em primeiro lugar, adentraremos no universo literário onde, nos diversos períodos da História, o fabuloso, o mítico, o simbólico entrelaçam-se e compõem o patrimônio comum da humanidade².

A *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, como anteriormente dito, é basicamente alegórica forma amplamente utilizada na sociedade medieval. Na Idade Média o pensamento e a memória constituíam-se a partir de figuras. A própria relação com as relíquias, por exemplo, caracterizava essa necessidade de materialização do universo religioso³.

Neste contexto, pode-se pensar a obra de Alexandre de Gusmão compartilhando de uma longa tradição que remonta, inclusive, à produção literária de Dante Alighieri.

Na *Divina Comédia* a realidade é a evidência concreta ao mesmo tempo que antecipa uma outra realidade superior, ultraterrena (Squarotti, 1989). Ela conta a história do desenvolvimento e salvação de um homem, Dante, e através dela, uma história figurativa da salvação da humanidade em geral (Auerbach, 1970).

Portanto, guardadas as devidas dimensões e importâncias históricas, culturais e artísticas, bem como seu distanciamento temporal as duas obras apresentam algumas semelhanças. Embora as personagens de Gusmão sejam puramente alegóricas, ele relata o desenvolvimento e a salvação de um homem, "Predestinado Peregrino", usando como contraponto - daí sua peculiaridade na História da Literatura (Moisés, op. cit.) - a história de condenação de seu irmão "Precito".

Assim, como Dante, Gusmão fornece um roteiro de salvação da humanidade, ou seja, uma dramatização do projeto católico de salvação da alma.

Vale lembrar que a Europa dos séculos XI-XV estava impregnada pela religião que estruturava o modelo de vida individual e social e pela teologia que estabelecia as bases do conhecimento sobre homem e a natureza (Le Goff, 1989).

O mesmo Le Goff aponta que o homem na concepção da teologia medieval estava profundamente envolvido na luta do bem contra o mal, sua alma constituía-se num campo de batalha de anjos e demônios - *psicomaquia* -, e ceder ou resistir ao pecado é algo que competia a este homem. Com efeito, o fato de ser dotado de alma racional lhe permite reconhecer o significado e o valor da realidade e devido ao livre arbítrio pode decidir sobre os rumos a seguir na vida (Boehner & Gilson, 1982).

É dessa concepção que nascem duas visões de homem que se fundem: a do *homo viator* e do penitente. O homem tendo sido expulso do paraíso marcha em busca da vida eterna e procura através da penitência o meio de assegurar a sua salvação. Portanto, para aqueles que não haviam se recolhido nos mosteiros, a peregrinação oferecia um caminho alternativo de reconciliação com Deus.

No domínio religioso, esta jornada assume uma conotação espiritual quando aproxima-se de uma oferenda a Deus, como Jesus na Cruz. O peregrino é um viajante de devoção que renuncia ao conforto e ao convívio familiar para lançar-se na humildade e no anonimato sob apenas o olhar de Deus (Du Jourdin, 1991).

Do ponto de vista social, o peregrino configurou-se num agente de transformações no mundo medieval. Ele difundia notícias, idéias e promovia a integração continental⁴.

2 Entre as primeiras obras em que comparece a imagem da vida humana como peregrinação encontra-se o *De Animae Exilio et Patria* de Honório de Ratisbona (m.1150). Nele as diversas etapas da vida humana são descritas como uma viagem através de dez diferentes cidades (Schipperges, 1988).

3 Sobre a questão da alegoria, e a história de seu uso, o trabalho de J. A. Hansen é uma referência obrigatória: *Alegoria. Construção e Interpretação da metáfora*. No conhecimento da realidade natural, por exemplo, era muito comum o uso de alegorias. Segundo Crombie (1988), o século XII mostra muitos indícios de que as observações da natureza seguiam o padrão alegórico, ou seja, tensionavam mostrar que o visível é apenas um sinal de uma realidade mais profunda.

4 Segundo Cardini (1993) o lugar privilegiado das peregrinações era Jerusalém, mas especialmente a partir do século VII a viagem além-mar conheceu uma forte rarefação, enquanto que, ao contrário, foram crescendo em fama e em honra os santuários localizados no Ocidente: como o santuário dos francos em Tours, Santiago de Compostela na península ibérica, York e Canterbury, lugares sagrados por excelência na Inglaterra, provocando um intenso trânsito interno na Europa.

Em suma, podemos reconhecer como uma forte marca cultural e espiritual da Idade Média a viagem como metáfora da vida, necessidade existencial, realização do homem. Essa metáfora reaparece, de forma particular, na novela de Gusmão, de fato oferecendo uma possibilidade de entender essa tradição, revisitada em uma obra da literatura brasileira do século XVII.

Porém, para abordar a articulação do conceito medieval de peregrinação e o elaborado por Gusmão faz-se necessário entender o sentido que a peregrinação assume no pensamento de Ignácio de Loyola e de seus seguidores e o contexto cultural mais amplo dos séculos XVI e XVII.

A peregrinação religiosa tem um lugar especial na vida do fundador da Companhia de Jesus. Sua própria história pessoal é uma fonte para a compreensão da conotação que assume a peregrinação religiosa enquanto forma de entendimento da alma humana na mentalidade do século XVI e na cultura ibérica, incluindo a Luso-brasileira.

O modelo de cristão da época de Loyola conjuga o ideal medieval de cavaleiro com o subjetivismo difundido pelos humanistas e renascentistas (Mateo, 1991). Trata-se de um novo cavaleiro cujos inimigos são os impedimentos para se exercer a cristandade de um modo perfeito⁵.

A partir de então a luta torna-se interna, espiritual. Vide o próprio título da obra de Loyola que sem dúvida é a grande referência de Gusmão: *Exercícios Espirituais para o homem vencer a si mesmo e ordenar a própria vida, sem se determinar por nenhuma afeição desordenada* (Loyola, 1548).

Com isso, pode-se refletir acerca da correspondência entre a espiritualidade ignaciana e o ideal de peregrino da Idade Média. Os homens do tempo de Loyola lançavam-se, como seus antepassados, em infatigáveis jornadas. No entanto, os rumos tomados pelo jesuíta possuem influência de uma geração fortemente marcada pela sublimação de seus ideais.

Ele nasceu no tempo das descobertas, das empresas nas Índias, das grandes conquistas ultramarinas. Mas seu sonho é da conquista espiritual das almas, por isso Du Jourdin (op. cit.) o chama de o “Colombo da espiritualidade missionária”. A Jerusalém a que se peregrina é a Jerusalém Celeste, o que marcadamente também aparece na novela de Gusmão.

Ainda sob forte influência da tradição humanista, o barroco é a idade em que o moralismo expande-se. Moralismo entendido como a tendência a insistir no esforço pessoal, na luta contra os defeitos e inclinações naturais mediante o exercício metodizado das virtudes morais.

Floresce, portanto, toda uma literatura moral, ou seja, uma tradição literária que sem esquecer os meios sobrenaturais da vida cristã concede preponderância ao empenho pessoal de santificação, codificando formulários adaptados a toda classe de estados, ofícios, profissões e pessoas.

Sem dúvida, a ênfase no tema moral advém do espírito da Contra-Reforma que incentivou uma ação mais profunda sobre as almas sobretudo no tribunal da penitência. Para tanto, fez-se necessário a criação de novos gêneros de escritos morais já que os tradicionais manuais do confessor não satisfaziam esta demanda, ao mesmo tempo que tratados mais eruditos fugiam ao propósito (Häring, 1964).

Vale ainda frisar que a obra de Gusmão compartilha dos padrões formais da produção teológica do seu período. Foram produzidos vários tratados teórico-doutrinários e, paralelamente, escritos de caráter mais prático. Entretanto, ocorre uma predominância da literatura prática sobre a literatura teórica (Del Carmen, 1969). A visão dinâmica, cronológica, do itinerário espiritual que aparece no *Predestinado Peregrino* é típica dos escritos de ordem prática.

Isto fica evidente no próprio fato de Gusmão oferecer uma alegoria que apresente os dois caminhos divergentes, didaticamente expostos, constituindo-se num “roteiro de vida” para a salvação - “...terá este livrinho como hum roteiro de vida, ou morte sempiterna para que conforme & elle governe seus passos, & vendoo não tenha escuza, se se perder.” (Idem, p.2).

5 Conforme Blecua (1991), pode-se destacar três diferentes etapas na trajetória cavaleiresca de Ignacio de Loyola. Para efeito didático: cavalaria mundana, cavalaria cristã e cavalaria “ao divino”. Ele passa de “gentil hombre cortejano”, fervente leitor de livros de cavalaria à cavaleiro ao divino. Ou seja, sua trajetória é similar a algumas das metamorfoses literárias de sua época. Du Jourdin (1991) também descreve o itinerário ignaciano a partir de três registros complementares e ascendentes: a honra cavaleiresca, a busca do saber universal e sobretudo, um temor ardente a Deus.

Como bem antecipa o seu subtítulo - *Em a qual de baxo de huma misterioza parabola se descreve o sucesso feliz, do que se ha de salvar, & infeliz sorte do que ha de se condenar* (Gusmão, 1685) - a questão da salvação é central na obra, prova de sua inserção no pensamento oficial da Companhia de Jesus.

As escolas européias de Teologia foram agitadas no século XVII pela controvérsia decorrente da questão de *Auxiliis* que apesar de não ter tido o mesmo vulto no Brasil não deixou de produzir algum reflexo. Tal questão pertence à Teologia na medida em que indaga que auxílios ou graças sobrenaturais necessita o homem para salvar-se. No entanto, também constitui-se numa questão filosófica por tratar de um conceito de liberdade em relação com a graça (Leite, 1949).

Nos colégios dos Jesuítas, em meio às controvérsias, São Tomás ficou sendo o mestre de Teologia, reinterpretado por Francisco Soárez e Luiz de Molina, cunhadores da chamada neo-escolástica. Tais autores defendiam que a eficácia universal da graça é conciliável com o livre arbítrio do homem e, portanto, teorizavam o caminho moral a ser seguido⁶.

Quanto a esta questão, Loyola é bastante claro: "Pode-se com certeza falar da fé e da graça, mediante o auxílio divino, para maior louvor de sua divina Majestade, mas não de tal forma nem por tais modos (...) que as obras e o livre-arbítrio sejam prejudicados ou mesmo negados." (Loyola, op. Cit., p.193).

Gusmão está em concordância com a ortodoxia de sua ordem, o que se pode ver na *História de Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* e no conjunto mais amplo de sua obra, sempre voltada para a educação cristã e para a prescrição de "exercícios das potências da alma".

No entanto, o termo *predestinação*, presente até no nome do seu protagonista, é bastante delicado na medida em que pode remeter às idéias da Reforma.

O próprio Loyola adverte, nos *Exercícios Espirituais*, que o seu uso deve ser muito cauteloso para que não dê margem a interpretações equivocadas. O erro mais temido é que os fiéis pensem que estando seu futuro previamente determinado, seja prescindível a dedicação às obras que conduzem à salvação e ao proveito espiritual de suas almas.

Outro influente jesuíta, Padre Antônio Vieira, qualifica o termo *predestinação* como *embaraçado e escabroso*. Porém, ele a define exatamente como o seu contemporâneo Alexandre de Gusmão:

"Quereis saber se sois predestinado e vos predestinou Deus, vêde se guardaes ou não guardaes os seus mandamentos. Se guardaes os mandamentos de Deus, e perseverardes na guarda d'elles, sois predestinado, e se não os guardaes, ou deixardes de os guardar, sois precito. Notae as palavras do mesmo Christo: Sib is ad vitam ingredi: Se vos quereis salvar: logo na vossa vontade está o salvarmo-nos, ou não. D'aqui se colhe que a predestinação foi, *praevisis meritis*, com previsão das nossas obras." (Vieira, [s.d.], vol. IX, p.276-277).

Assim, apesar de seus personagens principais chamarem-se "Predestinado" e "Precito", a obra em questão é estruturada como um manual para a salvação, demonstrando claramente sua posição teológica. "Predestinados são aqueles que caminham pelo caminho dos mandamentos de Deus" (Gusmão, 1685, p.124).

O que faz de "Predestinado" alguém cujo destino é a salvação são suas escolhas durante o caminho de sua vida. É, inclusive, a influência de sua esposa "Razão" e de seus filhos "Bom desejo" e "Reta Intenção", que estudam na escola da verdade.

6 O termo segunda escolástica teria sido formulado por C. Giacon (1944-1950). Sobre o alcance deste movimento Leite (1949, p.219) nos informa que "a base do ensino de Filosofia nas escolas do século XVI era Aristóteles, através de S. Tomás, e em particular do movimento de interpretação e exegese, oriundo das Universidades de Coimbra e Evora. Pedro da Fonseca criou a "Ciência Média", que Luiz de Molina celebrou no livro *Concordia*; e outros Mestres ilustraram as duas Universidades, um dos quais o P. Francisco Soárez, Granatense, o "Doctor Eximius"; e ainda outros mestres do Colégio das Artes de Coimbra organizaram o famoso "*Cursus Conimbricensis*", sem par na cultura portuguesa, como esforço e obra de conjunto." Como outra referência acerca da importância do neo-tomismo na fundação do pensamento moderno ver Skinner, 1996.

Da mesma forma, “Precito” tem seu fim na Babilônia devido ao seu casamento com “Própria Vontade” e sua família: “Mau desejo” e “Torta Intenção”. “Precito” não segue o caminho orientado pelos preceitos da teologia moral, e por conseguinte, consuma-se seu destino de condenação eterna.

Com efeito, a novela repropõe o itinerário dos exercícios espirituais inacianos, aqui organizados na forma de um roteiro de viagem a Jerusalém. Aquele que segue a verdade busca a salvação através do caminho da virtude, tendo como fim o retorno à morada paterna, ao passo que, aquele que sucumbe à mentira do mundo terreno em função de sua própria vontade tem como destino a condenação eterna⁷.

Ao prosseguirmos na busca das matrizes filosóficas e teológicas da estória de Gusmão deparamo-nos com uma clara influência da filosofia neo-escolástica, desenvolvida primeiro por dominicanos e posteriormente assumida pelos jesuítas como a maior referência do pensamento de sua Companhia.

Especificamente, esta fundamenta-se na elaboração de uma síntese mais difícil do que a realizada por São Tomás na Idade Média. Da mesma forma que São Tomás teria assimilado a filosofia aristotélico-árabe ao cristianismo, compondo um intrincado entre filosofia e teologia, os filósofos e teólogos ibéricos lançaram-se no desafio de formular o problema fundamental do homem moderno sem romper com o substrato medieval⁸.

Dos textos aristotélicos retomados por São Tomás, o privilegiado é sua *Ética à Nicomacos* que ainda recebe uma nova leitura pelos comentadores conimbricenses.

A questão central reside no fato de que os Conimbricenses (Gois, 1591), tal como São Tomás, aceitam a doutrina da virtude como meio termo adquirido por via da repetição de hábitos nobilitantes. Mantém-se, portanto, o estatuto da razão enquanto princípio orientador de um bem viver. E conseqüentemente, enfatizam o papel determinante que a razão e o intelecto desempenham na vida de um homem que aspira à Glória eterna.

Alexandre de Gusmão, ao longo da *História do Predestinado Peregrino*, também desenvolve uma conceituação sobre o papel que a razão desempenha na vida humana e na salvação do homem, reeditando a ética tomista de maneira particularmente didática com o uso do recurso da alegoria.

De início, isto se evidencia no fato de que “Predestinado Peregrino” é casado com a “Razão” e vive conforme sua esposa, que possui olhos de lince. Enquanto que “Precito” é casado com “Própria Vontade”, cega e afeita ao seu apetite, e segue tudo que a esposa lhe diz.

Aqui está evidente que o uso da razão é uma condição para atingir a excelência moral, já que trata-se de Predestinado aquele que vai obtê-la. Vê-se nos nomes de seus filhos, (Bom desejo e Reta Intenção), em contraposição com os filhos de Precito, (Mau desejo e Torta Intenção), como a razão deve prevalecer naquele que é moderado e continente, não se deixando levar pelas paixões⁹.

A educação e o exercício dos bons hábitos mostram-se determinantes para a formação do homem equilibrado e virtuoso.

7 Padre Antônio Vieira também aborda a temática da peregrinação, de maneira inaciana, em vários de seus célebres sermões. Em um sermão de glorificação a São Francisco Xavier, Vieira define os destinos do predestinado e do precito tal como Gusmão: *Sapiens peregrinatur, stultus exulat* (v. XIV, p.7). Cabe ainda frisar que Gusmão dedica sua novela ao mesmo aclamado peregrino e pregador do Oriente, o também jesuíta S. Francisco Xavier.

8 Conforme B. H. Domingues, “não se tratava mais simplesmente de *como* ganhar o céu, ou do alcance da liberdade humana, ou das bases da concórdia e sim da busca de um princípio ontológico do qual pudesse resultar o restante. Ao acercar-se o momento crucial da crise histórica e filosófica, o homem tinha que se decidir a saber o que era “ser”, em última instância”. (1996, p.74).

9 Sobre a teoria das paixões no pensamento jesuítico, especificamente na oratória do padre Antônio Vieira, ver Pécora (1990). Segundo o autor, Vieira “coloca em confronto o desejo natural com o que ele chama de “apetite”, o resultado já de operações deformantes da natureza conduzidas pelos seres. Descrito como “apetite”, não é o desejo natural de ser, mas sua deformação em “tentação”, que é trazida ao primeiro plano. O desejo, aí, deixa de afirmar-se como ponto de fortalecimento analógico do Ser Primeiro, para tornar-se “paixão” e, como tal, autocentrada e indiferente a toda relação que defina sua substancial dependência do Ser.”(p.400). É desta maneira que Gusmão opõe paixão e razão, sendo a razão orientadora do desejo de ser, como veremos no decorrer da análise de sua novela.

“Amava Predestinado a Precito como a irmão, sendo que era delle muitas vezes murmurado, & não poucas perseguido; só com sua cunhada se não corria, nem permittia, que seos filhos tivessem com ella communicação, perque sabia de quanto dano era criaremse os filhos de sua primeira idade com Vontade Propria. Erão os filhos de Predestinado mui bem criados, como filhos da Rezaõ; erão os filhos de Precito mui mal doutrinados, como filhos da Vontade, por isso não combinavão, & muitas vezes contendião.” (Gusmão, 1685, p.4)

Na segunda parte da obra, quando Gusmão narra o caminho de Precito em direção a Babilônia e sua conseqüente condenação, o autor frisa, mais uma vez, as conseqüências da subordinação à própria vontade dissociada do domínio da razão.

“Chegaram estas novas a seo Irmão Predestinado, de quam desencaminhado hia seo amado irmam, & com as lagrimas nos olhos, dizem, que exclamará desta sorte. Oh Vontade Propria, que assim nos precipitas! De ti nos vem todo o mal, & de ti a perdiçam! Nunca Precito meo irmão se perdera, se contigo se nam cazara. Quam errado andaste, ó desencaminhado Irmam, em seguir os impulsos da Vontade, & nam os passos da rezam! Oh filhos de Precito, quam malcriados sois á Vontade, & quam mal aventureados sereis! (idem, p.12).

O papel da razão é central na antropologia de Gusmão. Ela pode, através da reta intenção, purificar o entendimento e conduzi-lo à contemplação da verdade divina. Ao visitar os bairros e as fontes de Bethel, “Predestinado Peregrino” depara-se com a fonte do Entendimento e a da Vontade, mas percebe que ambas podem ser poluídas: o Entendimento pelos maus ditames e a Vontade pelos maus afetos.

Predestinado pergunta, então, às mestras ali presentes, como manter tais fontes limpas. Ele obtém, como resposta, que deixe as fontes aos cuidados de sua esposa “Razão” e seus dois filhos “Bom Desejo” e “Reta Intenção”, pois estes saberão evitar que o entendimento seja perturbado com ditames depravados ou doutrinas diferentes da cristã, ou que a vontade se perca em afetos deformados de nossas paixões. Eles; “Razão”, “Bom Desejo” e “Reta Intenção”, tem o poder de fazer com que o entendimento acerte com a verdade e a vontade com o bem. Eis o remédio proposto:

“Primeiramente Rezam pello meyo de sua filha Recta Intençam terá cuidado de purificar, ou intencionar bem a Entendimento, procurando ter sempre diante a summa verdade, que he Deos; & logo por meyo de seu filho Bom Dezejo terá cuidado de ordenar bem a vontade; procurando ter sempre por objeto a summa bondade, que he o mesmo Deos. Porque quando tudo se governar por Rezam com Dezejo Sancto, & Intenção Recta, correrá pura a agoa desta fonte, & por consequente a terra de nossa alma, & de nosso coração estará sempre limpa.”(ibidem, p.269).

A peregrinação implica em escolhas de caminhos, assim como a vida também oferece alternativas de atitudes. Gusmão aponta que o caminho pode ser o mesmo, a eternidade, mas não são os mesmos atalhos e, portanto, são também distintas as sanções. Mais uma vez, aparece o papel da razão na escolha do atalho certo, na busca da verdade.

“Na ultima jornada de suas peregrinações já aos nossos peregrinos; & se bem ambos caminharão pello mesmo caminho da Eternidade, não forão poré pellos mesmos atalhos ambos; porque como Predestinado seguio sempre em tudo os passos da Rezam, & Precito de Propria Vontade, Predestinado tomou pelo atalho da vida, & Precito pello da morte eterna.”(ibid, p.308).

As escolhas de “Predestinado” e “Precito” remetem também à doutrina de Santo Agostinho, sobretudo suas idéias expostas em *Cidade de Deus*: Os que amam as coisas temporais, pode-se dizer, os Precitos, formam a cidade do demônio e os que se unem por amor a Deus na caridade, Predestinados Peregrinos, são admitidos na cidade celeste.

A doutrina agostiniana afirma que a tarefa moral do homem resume-se na execução fiel da ordem das normas eternas. E a questão central da moralidade é a da reta escolha das coisas a serem amadas, ou seja, querer o que é apto a conduzir-nos a Deus. Deve-se lembrar que a vontade nem sempre está voltada para o bem, mas não se pode gozar de liberdade enquanto não nos desvencilharmos dos obstáculos oriundos da culpa original e do pecado pessoal (Boehner & Gilson, 1982).

Há duas maneiras de nos relacionarmos com as coisas temporais e terrenas: tomando-as como o todo ou as referindo a uma ordem transcendente e ultraterrena, ou seja à paz eterna e divina. Os que amam as coisas temporais formam o Estado terreno ou Cidade do Demônio, ao passo que os que se unem por amor a Deus na caridade constituem o Estado de Deus ou Cidade celeste¹⁰.

Pode-se pensar que se trata de uma escolha entre o mundo terreno e suas paixões ou a vida cristã que encontra seu significado no amor a Deus, vidas que levam à condenação ou à salvação eternas, caminhos tomados pelas personagens centrais de Gusmão.

Esta idéia está presente no conceito de “desengano do mundo”, lugar comum nos séculos XVI e XVII. O “engano do mundo” é a crença de que o mundo temporal e corruptível é perpétuo e autônomo, a ilusão de que o mundo de aparências, na realidade passageiro, é uma verdade a ser valorizada e cultivada. O termo “desengano”, então, refere-se a descoberta e a entrega à única verdade: a divina¹¹.

Alexandre de Gusmão não poderia deixar de preconizar o “desengano”. “Desenganar” é o ponto fundamental, o grande passo da peregrino rumo a salvação, portanto, ele utiliza, em sua obra, diversos ditames para alertar os peregrinos dessa vida acerca dos desenganos do mundo. Entende-se, então, a relação entre “desengano” e o uso da razão, já que “desenganar-se” é descobrir a realidade assim como ela é. “Só o eterno era verdadeiro e todo temporal engano”. (Gusmão, 1685, p.48) “...devias considerar as delicias desta vida como couzas, que vam, & nam como couzas que vem; de passagem, & nam de assento;” (idem, p.189).

Como passagem exemplar, no capítulo VI, da primeira parte da obra, “Predestinado Peregrino” encontra o Palácio do Desengano, que por sua vez, é casado com a Verdade. Lá, Predestinado aprende que: “O mundo tudo he nada, ou ao revès, nada he tudo o do mundo.” (idem, p.25).

“Predestinado” é advertido que deve desenganar-se para que, no Juízo, não seja condenado ao Inferno. Se a memória do Inferno é intolerável e a lembrança do Paraíso apazível, por que não desenganar?

Para Gusmão, aquele que age pela razão não se deixa levar pelos enganos do mundo, o “Predestinado Peregrino” deve ver o mundo como ele realmente é, o que remete a sua existência e significação na relação com o divino. Ao passo que os “Precitos” “enganam-se”, atêm-se ao mundo mundano, à carne, numa visão das aparências como realidade, na ilusão de que o temporal é a perpetuidade.

Em outro momento, no capítulo IX, Predestinado é levado a Suprema Consideração, de onde se vê o mundo, não com óculos de carne próprio dos precitos, mas com óculos de espírito, que permitem a visão da verdade:

“Este he o mundo, (...), que visto com olhos do espirito, como agora tu vès, nenhuma outra cauza he, senam huma bicha de sete cabeças, ou huma Chimera, que não tem ser, mais que o fingido, que a fantezia dos homens lhe considera.”

10 Para Santo Agostinho, tanto no Estado terreno como no celeste há uma ordem espiritual, mas estes se distinguem pela sua finalidade: “Assim, a cidade terrena, que não vive da fé, apetece também da paz, porém firma a concórdia entre os cidadãos que mandam e os que obedecem, para haver, quanto aos interesses da vida mortal, certo concerto das vontades humanas. Mas a cidade celeste, ou melhor a parte que peregrina neste vale e vive da fé, usa dessa paz por necessidade, até passar a mortalidade, que precisa de tal paz. (...) Enquanto peregrina, a cidade celeste vai chamando cidadãos por todas as nações e formando de todas as línguas verdadeiras cidades viajoras.” (Boehner, Gilson, 1982. p.200).

11 Alcir Pécora (1994, p.160) discute esta questão brilhantemente ao tratar do referencial do pensamento do padre Antonio Vieira. Sobre o conceito de desengano, em particular, afirma que “atribuir eternidade ao temporal, estabilidade ao provisório, descuidando de que o ser, na contingência, é sobretudo analogia, eis aí a essência do *engaño* barroco. Propõe-se, assim, como retomada do tema do *vanitas* (*Eclesiastes* 1,2), e a contrapartida dele é o *desengano*, sobretudo promovido pelo tempo que torna *escarmentado* o sujeito de suas fantasias de autonomia e independência.”

(...) “Entam verdadeiramente vio como o mundo, & sua glória he huma farça de comedia, que passa; hum entremez, que se acaba com o rizo; uma sombra, que desaparece; hum vapor que se desfaz; huma flor que se murchou; um fumo, que cega a vista, hum sonho, que nam tem verdade.” (idem, p.46-47).

Enfim, Predestinado aprende, com Desengano, a valorizar a alma e o reino dos Céus, e não as ilusões, vaidades e paixões mundanas. “ & finalmente entam vio claramente, quam falsas eram todas as esperanças do mundo, quam enganozas suas promessas, que só o eterno era o verdadeiro, & todo temporal engano.” (idem, p.48).

O retorno

À guisa de conclusão, a História da Psicologia nos ensina que não há inteligência do homem do presente sem compreensão do homem do passado. O contemporâneo pode incorrer na ilusão da originalidade de seu pensar, acreditando na completude de seu saber, cabendo, portanto, à História, mostrar a existência de universos culturais complexos e fecundos nas mais diversas épocas.

A ciência é uma produção humana e, tal como o homem, faz parte de um contexto maior que é a História. A compreensão das idéias psicológicas de Alexandre de Gusmão e a definição da condição humana como peregrinação em sua obra só se fez possível ao se procurar reconhecer os diversos pilares que compõem o campo de referência de seu pensamento e como esse articula-se com as questões que estavam sendo discutidas no contexto cultural em que ele viveu.

Ou seja, sua maneira de conceber o homem está condicionada ao processo histórico, e é, ao reconstruirmos este processo, que podemos compreender como Gusmão entende a alma humana, e assim, como um determinado homem pode produzir conhecimento acerca de si mesmo num específico período histórico e dentro de um inalienável contexto cultural.

Ao peregrinarmos de volta ao nosso tempo, encontramos indícios, a serem melhor investigados, das influências de conhecimentos elaborados no passado. Um exemplo, é que se pode reconhecer nesta concepção de homem em movimento, tratada no artigo, uma das raízes profundas das teorias modernas da subjetividade como um processo dinâmico. Não seriam, talvez, as teorias do ser em desenvolvimento, que enfrenta fases e crises, e que procura um sentido para sua existência, herdeiras desta idéia de homem como peregrino?

Por outro lado, nos deparamos com uma Psicologia, estabelecida como ciência autônoma, que para tanto, rompeu com o passado e abriu mão da valorosa, e arriscamos afirmar, indispensável contribuição de outros campos do conhecimento, sobretudo das humanidades. Seja da filosofia, exercício do pensamento; seja das letras, terreno das metáforas dos desejos humanos; seja da ética, espaço de reflexão sobre sua relação com o próximo. Vê-se, então, uma ciência em busca de sua própria identidade, que ora se aproxima, ora se afasta das manifestações do que acreditamos ser o seu mais importante objeto: o homem em relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BLECUA, J. M. C. Del Gentilhombre mundano al caballero < a lo divino > : los ideales caballerescos de Ignacio de Loyola. In: PLAZAOLA, J. org. *Ignacio de Loyola y su tiempo*. Congresso Internacional de História. Universidad de Deusto, p.129-159, set. 1991.

BOEHNER, P., GILSON, E. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1982.

CARDINI, F. Peregrinos y Viajeros en la Edad Media. In: *Acta historica et archaeologica Mediaevalia 10*. Conferência inaugural da XVI Semana Internacional de Estudios Medievales. Barcelona, 28 jun. 1988.

- _____. *Dois ensaios sobre o espírito da Europa*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1993.
- CROMBIE, A. C.** *Historia de la Ciencia: de San Agustin a Galileo/ 1. siglos V-XIII*, 1959, Alianza Universidad, 1987.
- DEBUS, A.G.** *El Hombre y la naturaleza en el renacimiento*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- DEL CARMEN, O.C.D. et al.** *História de la espiritualidad*. Barcelona, Juan Flors, 1969. v. II.
- DOMINGUES, B. H.** *Tradição na modernidade e modernidade na tradição. A modernidade Ibérica e a Revolução Copernicana*. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1996.
- DUBY, G.** *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DU JOURDIN, M.** Saint Ignace et les pèlerinages de son temps. In: **PLAZAOLA, J.** org. *Ignacio de Loyola y su tiempo*. p.161-178, set. 1991.
- GIACON, C.** *La Seconda Scolastica*. Milano: Fratelli Boca, 1944-1950. 3 v.
- GÓIS, M.** *Curso Conimbricense I: moral a Nicômaco, de Aristóteles*. 1591. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1957.
- GUSMÃO, A.** *História do predestinado peregrino e seu irmão Precito*. Evora, 1685.
- HARING, B.** *A Lei de Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Herder, 1964. t. 1.
- JEDIN, H.** Org. *Storia della chiesa. v. VI: Riforma e Controriforma*. Milano: Cooperativa Edizioni Jaca Book, 1975.
- LE GOFF, J.** Org. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- LEITE, S.** *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: 1949. t. VII.
- LOYOLA, S. I.** *Exercícios espirituais*. 1548. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MASSIMI, M.** *História da psicologia brasileira. Da época colonial até 1934*. São Paulo: E.P.U., 1990.
- MATEO, R.G.** El mundo caballeresco en la vida de Loyola. In: *Archivum Historicum Societatis Iesus*, v. LX: 5-27, 1991.
- MOISÉS, M.** *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- MORSE, R. M.** *O Espelho de Próspero. Cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PÉCORA, A. A. B.** O Desejado. In: **NOVAES, A.** org. *O Desejo*. São Paulo, Rio de Janeiro: Companhia das Letras, Funarte, 1990.
- _____. *Teatro do Sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*. São Paulo/Campinas: Edusp/ Unicamp, 1994.
- SCHIPPERGES, H.** *Il Giardino della salute, la medicina del medioevo*. 1985. Milano: Garzani, 1988.
- SKINNER, Q.** *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SQUAROTTI, J.B.** (org.) *Literatura Italiana: linhas, problemas, autores*. São Paulo: Nova Estella/ Instituto Italiano di Cultura/ EDUSP, 1989.
- VIEIRA, A.** *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1951.v. IX - XIV.

Marina Massimi é Professora Associada ao Departamento de Psicologia e Educação da F.F.C.L. RP-USP
 Endereço: Rua Angatuba, 492 CEP 01247-000 São Paulo-SP, Brasil
 Paulo José Carvalho da Silva é Mestrando em História da Ciência pelo Programa de Estudos Pós-graduados em História da Ciência da PUC-SP
 Endereço: Rua Bartira, 1430, apt. 42, Cep. 05009-000 São Paulo-SP, Brasil
 Revista da SBHC, n. 17, p. 71-80, 1997